



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Ingrid Fermino Melo

**O ensino de artes visuais no atendimento da Sala de Recursos
Multifuncional.**

Itapetininga SP
2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Ingrid Fermino Melo

O ensino de artes visuais no atendimento da Sala de Recursos Multifuncional.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade de Brasília como parte das exigências para a obtenção do título de Habilitação de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da UnB. Orientador: Prof. Dr. Luís Müller Posca.

Itapetininga
2024



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Ingrid Fermino Melo

O ensino de artes visuais no atendimento da Sala de Recursos Multifuncional.

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade de Brasília como parte das exigências para a obtenção do título de Habilitação de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da UnB. Orientador: Prof. Dr. Luís Müller Posca.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Maria Del Rosario

Tatiana Fernandez

Universidade de Brasília. IdA.

Prof^a. Dr^a Lisa Minari

Universidade de Brasília. IdA.

Itapetininga, 29 de Junho de 2024

Agradecimentos

Agradeço ao meu filhotinho, Deus e todas as pessoas que fazem parte da minha caminhada.

Resumo

MELO, Ingrid. O ensino de artes visuais no atendimento da Sala de Recursos Multifuncional. Trabalho de conclusão de curso. Universidade de Brasília, 2024.

A presente pesquisa aborda o ensino de artes visuais em uma Sala de Recursos multifuncional localizada no município de Itaguaí – RJ. A escolha da temática se justifica pela importância da inclusão nas escolas e pelo crescimento de alunos inseridos nos atendimentos especializados. O objetivo geral apresenta a problematização de como as práticas do ensino de artes poderiam dialogar com as habilidades socioafetivas evidenciadas pelo Planejamento Educacional Individualizado de cada aluno, em destaque os com Transtorno do Espectro Autista. O primeiro capítulo evidencia a organização da educação especial no município e as especificidades encontradas na unidade de ensino em destaque – Escola Municipal Argentina Coutinho; no segundo capítulo foi levantada a discussão acerca de como o trabalho com metodologias e temáticas de artes geram impactos no desenvolvimento das habilidades dos alunos; o terceiro capítulo dialoga com o relato pessoal e a discussão proposta pela pesquisa. A metodologia escolhida para o trabalho é a da bibliográfica qualitativa.

Palavras-chave: Sala de recursos. Artes visuais. Habilidade socioemocional. Transtorno do espectro autista.

Lista de figuras

Figura1 – Atividade de pintura em papelão.....	21
Figura 2 – Atividade pintura livre.....	21
Figura 3 – Atividade de pintura temática do dia das mães	22
Figura 4 – Atividade de pintura sobre o folclore	22
Figura 5 – Desenho em tela pequena	23
Figura 6 – Tinta criada com pigmento de urucum	23
Figura 7 – Pintura utilizando tinta de urucum	24
Figura 8 – Pintura utilizando tinta de urucum	24
Figura 9 – Pintura com diferentes tipos de pincéis	24

Lista de abreviaturas

AEE - Atendimento Educacional Especializado.

BNCC - Base Nacional Comum Curricular.

EMAC - Escola Municipal Argentina Coutinho.

MEC - Ministério da Educação.

PEI - Planejamento educacional individualizado.

RJ - Rio de Janeiro.

TEA - Transtorno do Espectro Autista.

SUMÁRIO

Introdução.....	8
1.0. EDUCAÇÃO ESPECIAL: As Salas de Recursos Multifuncionais e a inclusão nas escolas públicas brasileiras	13
1.1 O funcionamento das Salas de Recursos no município de Itaguaí-RJ	14
1.2 O funcionamento da Sala de Recursos na Escola Municipal Argentina Coutinho	15
2.0 PRODUÇÕES ARTÍSTICAS NA SALA DE RECURSOS: O ensino de arte nos atendimentos	17
3.0 A ARTE ENQUANTO RECURSO NO ATENDIMENTO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	19
3.1 A utilização de técnicas de pintura no atendimento de alunos com Transtorno do espectro autista	20
Considerações finais	26
Referências	28

INTRODUÇÃO

A discussão acerca da tolerância e inclusão dos indivíduos com deficiências na sociedade brasileira vem ganhando visibilidade nas últimas décadas, principalmente após a Declaração de Salamanca¹(1994). Através da garantia de direitos e da criação de políticas públicas voltadas para esse público seguimos avançando na construção de uma sociedade mais justa.

No ramo acadêmico temos diversas pesquisas que abordam a inclusão através da escola, porém não devemos limitar tais propostas ao ensino das classes regulares, sendo pertinente ampliarmos o olhar para o diálogo com as demais disciplinas propostas pela Base Nacional Comum Curricular (2017). É sabido que ao entrar em contato com as artes o sujeito tem a possibilidade de transformar sua relação com o mundo, transformar seu olhar sob valores, costumes, sentimentos, e ser impactado positivamente em suas relações pessoais.

A arte nos confronta com percursos na contramão. Assim, a potência de uma obra de arte está em nos permitir o desvio, a deriva, o encontro de um enigma que não indica o caminho, mas nos obriga ao movimento da imaginação. (SOUSA & TESSLER, 2007, p. 40).

O interesse pela temática nasceu através da visita e do trabalho realizado em algumas salas de recurso em escolas públicas do Estado do Rio de Janeiro. Acolhendo e ouvindo relatos de outros profissionais sob seus fazeres diários foram percebidos desafios acerca de como tornar os atendimentos mais adequados, criativos, dinâmicos e bem sucedidos em seus resultados.

Em muitos momentos o profissional referido à Sala de Recursos utiliza propostas e atividades que partem do ensino de arte. Mesmo sem a intenção de introduzir métodos e técnicas nos atendimentos, a disciplina se faz presente, o que aponta para sua importância no processo de abordagem e desenvolvimento dos alunos com deficiências.

¹ A Declaração de Salamanca foi criada na Conferência Mundial sobre Educação Especial em 1994, na cidade de Salamanca localizada na Espanha, tendo como principal missão garantir que os Estados tornassem a educação de pessoas com deficiências parte integrante do sistema educacional.

Os estudantes pertencentes ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) são limitados pela legislação que rege o funcionamento da Sala de Recursos. Ainda assim, cada aluno apresenta sua própria idiossincrasia, corroborando a percepção dos profissionais de cada caso apresenta uma dinâmica própria, com demandas específicas e barreiras a serem superadas.

O crescente número de crianças com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas escolas vem justificando o aumento de sua frequência nos atendimentos especializados. Tal fator definiu o interesse em delimitar os estudos desta pesquisa a esse público específico.

A partir da Lei 12764/2012, as pessoas com transtorno do espectro autista (TEA) passaram a ser consideradas pessoas com deficiência. Elas apresentam deficiência significativa na comunicação e na interação social (BRASIL, 2012). Os casos podem variar desde não aprender a falar e ter deficiência intelectual profunda até não ter deficiência intelectual e conviver na comunidade, seguindo suas próprias rotinas. Também se caracterizam por comportamento repetitivo (balançar o corpo, as mãos, gritar) e áreas restritas de interesse (MAIOR, 2018, p.6-7).

As barreiras enfrentadas pelos indivíduos diagnosticados com autismo são peculiares e por vezes complexas. Por conta disso, a escola e a família precisam acolher minuciosamente as demandas que surgem, tentando ao máximo diminuir as problemáticas surgidas.

O tema abordado na pesquisa é o ensino das artes visuais em Sala de Recursos voltado para portadores de espectro autista. A temática é orientada pelo seguinte questionamento: Como as habilidades socioafetivas podem ser trabalhadas através do desenho e da pintura, considerando o trabalho realizado na Sala de Recursos da Escola Municipal Argentina Coutinho – Itaguaí, RJ.

A proposta de um sistema educacional inclusivo partindo do marco da Constituição Federal de 1988 levanta a reflexão acerca das práticas e mudanças políticas pedagógicas no ensino brasileiro. O viés da educação inclusiva defende a garantia a todas as pessoas com deficiência o acesso a uma educação de qualidade, assegurando sua integração na sociedade através da escola.

Incluir o aluno não se limita a inseri-lo fisicamente ao espaço escolar, e sim, oferecer-lhes meios que impliquem no seu desenvolvimento integral.

O atendimento de crianças com deficiências nas Salas de Recursos é cada vez mais significativo, lançando ao professor o desafio diário de buscar práticas eficazes para o desenvolvimento de habilidades propostas pelo plano individual de atendimento educacional especializado.

A escolha do ensino de artes visuais no desenvolvimento de habilidades socioafetivas em estudantes autistas se deu por propiciar técnicas e vivências que engrandecem os atendimentos cotidianos realizados nas salas. Para o enriquecimento da pesquisa optou-se por abordar um estudo de caso de Salas de Recursos Multifuncionais no município de Itaguaí, localizado no Estado do Rio de Janeiro. A escolha em retratar os fazeres artísticos nessas localidades justifica-se pela ausência de pesquisas acadêmicas voltadas para o ensino inclusivo e as artes visuais nesta realidade escolar.

A Lei 13.415, que altera as Leis n^o 9.394, de 20 de dezembro de 1996, aborda o ensino de artes como obrigatório: “§ 2^o O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, 2017, p.), partindo dessa premissa inserir ações da disciplina nas salas de recursos se tornam um grande aliado para os professores de educação especial.

Através da experiência artística no fazer diário com os alunos acreditamos que algumas barreiras na comunicação possam ser “quebradas”, dando ao professor acesso aos conteúdos afetivos que muitas vezes se manifestam de forma limitada ou problemática, decorrentes do quadro clínico que o autismo apresenta. Ao permitir que o estudante se expresse, ou vivencie a autoria de criar, ampliamos sua participação na vida escolar juntamente com o resgate de sua autoestima.

O objetivo geral do trabalho é refletir como as práticas das artes visuais são abordadas na Escola Municipal Argentina Coutinho - EMAC, e como as contribuições artísticas se relacionam com o desenvolvimento cognitivo/afetivo dos educandos. Atentando-se para a importância da disciplina de arte nos atendimentos desenvolvidos nas salas de recursos; Relacionando práticas das artes visuais com o desenvolvimento de habilidades socioafetivas abordadas AEE

da Escola Municipal Argentina Coutinho, localizada no município de Itaguaí – RJ. e estabelecidas pelo Planejamento Educacional Individualizado – PEI, documento referido ao público de atendimento educacional especializado (AEE). Busca-se também elucidar o desenvolvimento de habilidades socioafetivas através de atividades de artes visuais, ou ainda, experiências artísticas nos encontros dentro da sala de recursos.

A metodologia escolhida para o presente estudo é de natureza qualitativa que possibilita conceituar e problematizar contribuições teóricas no campo da educação especial brasileira e artes visuais. Autores como Silva e Menezes (2005, p. 20) conceitua a pesquisa qualitativa como:

(...) uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

Optou-se também por abordar o estudo de casos visando relacionar os objetivos da pesquisa com a descrição de práticas artísticas realizadas em uma Sala de Recursos pública localizada no município de Itaguaí-RJ. A pesquisa também contará com estudo bibliográfico através de textos, teses, artigos e publicações que permitirão uma visão aprofundada acerca da problemática e objetivos levantados, possibilitando avanços na conceitualização do objeto de pesquisa juntamente como a apresentação de dois estudos de casos.

Qualquer que seja a pesquisa, a necessidade de consultar material publicado é imperativa. Primeiramente, há a necessidade de se consultar material adequado à definição do sistema conceitual da pesquisa e à sua fundamentação teórica. Também se torna necessária a consulta ao material já publicado tendo em vista identificar o estágio em que se encontram os conhecimentos acerca do tema que está sendo investigado (GIL, 2008, p. 75).

Autores como Kanner (1942), Assumpção (2002), Vigotsky (2010), Mendes (2010), são essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, além de legislações como a Lei de inclusão da pessoa com deficiência (BRASIL, 2015), a Política Nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2008) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

Enfim, finalizaremos o diálogo entre fazeres artísticos na Sala de Recursos apontando que esta modalidade é marcada por singularidades em cada atendimento, em razão de que cada indivíduo apresenta uma personalidade e cada PEI é diferenciado. Sendo assim, ao realizar as propostas voltadas para o desenvolvimento de habilidades socioafetivas foi observado que algumas crianças apresentaram sucesso em aprimorar sua organização afetiva e relação social com outros indivíduos, corroborando os objetivos traçados. Porém, houve casos em que a relação estabelecida com as atividades artísticas não foi tão significativa a ponto de constatar avanços oriundos da proposta.

CAPÍTULO 1. EDUCAÇÃO ESPECIAL: As Salas de Recursos Multifuncionais e a inclusão nas escolas públicas brasileiras.

A partir da promulgação da constituição de 1988 a educação brasileira começa a implementar uma série de ações que aspiram a universalização do ensino e a garantia de uma educação de qualidade para todos. Tais ações permitiram que a educação inclusiva ganhasse visibilidade no processo de construção de uma sociedade mais justa e democrática. Oportunizando assim, a criação de programas voltados para pessoas com deficiência.

A necessidade de promover condições de acesso levou a criação das Salas de Recursos Multifuncionais na rede pública de ensino, promovendo o aumento das matrículas e melhoria na aprendizagem dos alunos público-alvo da educação especial. Propiciando-lhes atendimento especializado de forma a não substituir o ensino regular.

A criação da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC, 2008) marca a definição do que é a Educação Especial, definindo-a como “uma modalidade de ensino transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, que disponibiliza recursos e serviços específicos visando o atendimento de seu público-alvo específico.” (MEC, 2008, p.15)

Para ser referido à sala de recursos o aluno precisa apresentar na escola seu laudo médico, que contém sua especificidade e seu CID. Tal informação é relevante pois fará parte da estatística do município. Há crianças que não possuem o laudo médico, e nesses casos o responsável recebe o encaminhamento solicitando a investigação pelo profissional adequado, ou ainda, podemos encontrar situações em que a coordenação da equipe de educação inclusiva avalia os ganhos ou a necessidade da criança em ser atendida pelo AEE.

A legislação vigente atribui como público-alvo:

I - educandos com deficiência, conforme definido pela Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 - Estatuto da Pessoa com Deficiência; II - educandos com transtornos globais do desenvolvimento, incluídos os educandos com transtorno do espectro autista, conforme definido pela Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012; e III - educandos com altas habilidades ou superdotação que apresentem desenvolvimento ou potencial elevado em qualquer área de domínio, isolada ou combinada, criatividade e envolvimento com as atividades escolares (BRASIL, 2020)

Ao pensar a educação inclusiva devemos mobilizar e conscientizar toda a comunidade escolar. Que vai desde a unidade gestora, ao apoio de alunos, pais, parcerias locais etc. Sabe-se que na maioria das vezes ela começa na escola, mas seu objetivo é propagar-se a todo meio social, despertando um novo olhar sobre a pluralidade humana.

A educação inclusiva constitui uma proposta educacional que reconhece e garante o direito de todos os alunos de compartilhar um mesmo espaço escolar, sem discriminações de qualquer natureza. Promove a igualdade e valoriza as diferenças na organização de um currículo que favoreça a aprendizagem de todos os alunos e que estimule transformações pedagógicas das escolas, visando à atualização de suas práticas como meio de atender às necessidades dos alunos durante o percurso educacional (MEC, 2008, p.14).

A proposta de repensar os currículos não se limita ao conteúdo programático das disciplinas, e sim, voltar-se para a diversidade e o combate a discriminação, efetivando as propostas da educação especial e de outras políticas públicas, como o combate ao racismo, por exemplo.

1.1 O funcionamento das Salas de Recursos no município de Itaguaí - RJ

A educação inclusiva em Itaguaí foi ganhando visibilidade política e estrutural ao longo da última década. A coordenação geral de inclusão vem lutando pela capacitação e especialização dos professores lotados no AEE, além de levantar propostas para criação de políticas públicas locais, priorizando aspectos gerais dessa população e do município.

Atualmente existem trinta e três Salas de Recursos distribuídas em algumas escolas públicas da rede e um Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado – CEMAEE, unidade voltada para alunos deficientes que

apresentam demandas severas ou específicas, contando com o apoio de profissionais não disponíveis nas escolas.

A coordenação fiscaliza e orienta os docentes através de visitas, onde se acolhem demandas baseadas em necessidades particulares, avaliam casos em que a criança não possui laudo, conversam com os responsáveis e encaminham ao CAPSI, neurologista, fonoaudiólogo, dentre outros profissionais.

O atendimento acontece no contraturno escolar, seguindo o Manual de Orientação: Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais (2010).

Art. 5º O AEE é realizado, prioritariamente, nas salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, em centro de atendimento educacional especializado de instituição especializada da rede pública ou de instituição especializada comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas (BRASIL, p.5, 2010).

Geralmente a modalidade recebe crianças da própria escola, porém há casos em que, discentes de outras unidades também estão inscritos para o atendimento, principalmente oriundos das creches.

O professor ao acolher o aluno realiza a composição de seu Planejamento Educacional Individualizado, válido e estruturado a cada 6 meses. Documento próprio do AEE elaborado pela coordenação de Educação Especial, visto que não há modelo específico previsto em normativa federal. Inicialmente, recebe-se o responsável para compor a anamnese e em seguida ao entrar em contato com o aluno, projeta-se quais habilidades deverão ser conquistadas/aperfeiçoadas. Por fim, comunica-se as datas e horários que o responsável deverá trazer a criança para o acompanhamento.

1.2 O funcionamento da Sala de Recursos na Escola Municipal Argentina Coutinho.

O atendimento em sala de Recursos na Escola Municipal Argentina Coutinho teve seu início no ano de 2015 quando a direção da época optou por implementar essa modalidade. De início os atendimentos aconteciam em uma sala adaptada e não contava com materiais específicos previstos pelo manual de

implementação (2010). Os recursos disponibilizados foram cedidos pela escola e pela professora regente da época. Em 2016, a escola recebeu parte dos materiais previstos e foi direcionada para um espaço próprio e exclusivo. Pela carência de professores em sala de aula regular, os atendimentos do AEE foram paralisados, o que acarretou a desmontagem da Sala de Recursos. No ano de 2022 a Sala de Recursos voltou a ter seu próprio espaço dentro da unidade, recebeu numerosos recursos específicos (jogos, mesas, cadeira de rodas, computador, impressora, mesa etc.) e passou a acolher alunos da creche vizinha e outras escolas. No ano de 2023 seu espaço físico foi compartilhado com a sala de leitura e assim se mantém até o presente ano (2024).

Ao observarmos o histórico do AEE na escola percebemos como os atendimentos nem sempre são respeitados ou priorizados. Porém, com o aumento significativo de alunos com deficiência, principalmente transtorno do espectro autista, em 2022 a gestão se atentou pela urgência da continuidade do trabalho que até então era realizado.

Os alunos são recebidos na Sala de Recursos no contraturno, horário da tarde, já que as aulas regulares acontecem somente no turno da manhã, das 7:30 às 11:30. O aluno possui 50 minutos de atendimento individualizado, sendo realizado duas ou três vezes por semana. Em 2023 a sala de recursos atendia 8 crianças matriculadas na unidade, juntamente com 4 crianças vindas da creche que não possuíam o atendimento. No total, 6 com transtorno do espectro autista (laudados) e dois com deficiência física, 1 paralisia motora e 1 deficiência visual – visão monocular.

No primeiro semestre de 2024 são 12 alunos matriculados, sendo 10 com transtorno do espectro autista (laudados) e dois com deficiência física, 1 paralisia motora e 1 deficiência visual – visão monocular.

CAPÍTULO 2. PRODUÇÕES ARTÍSTICAS NA SALA DE RECURSOS: o ensino de arte nos atendimentos.

A proposta educacional implementada no município de Itaguaí convoca o professor a posicionar-se em prol do respeito às necessidades de cada indivíduo, direcionando o olhar para as várias infâncias e especificidades, que vão desde a educação infantil, estendendo-se às demais modalidades de ensino.

As formações oferecidas pela diretoria de inclusão e o relato de outros profissionais da educação especial foram essenciais na constatação de que a disciplina de artes fazia parte do cotidiano de outras salas. Essa troca despertou meu interesse em relacionar as habilidades descritas no PEI e algumas disciplinas que cursei durante a graduação em Artes Visuais. Refletindo sobre como o contato com as produções artísticas poderiam afetar positivamente o desenvolvimento dos educandos.

Como citado anteriormente, o PEI norteia os objetivos, opondo-se a um modelo de “cartilha”, podendo ser tomado como um mecanismo que facilita a escolha dos campos a serem aperfeiçoados, minimizando barreiras em sua autonomia, expressão, afetividade, dentre outros. As principais habilidades trazidas no documento são: Habilidades da vida autônoma, habilidades da comunicação, habilidades pré-acadêmicas, habilidades motoras, habilidades verbais, memória, habilidades numéricas, habilidades socioafetivas ou socioemocional.

Tomando como base a BNCC levantaremos como crucial o diálogo entre o ensino de artes e os campos que compõe a socialização e a esfera sentimental:

É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura (BRASIL, 2018, p.193).

No contexto do estudo se faz pertinente discorrermos sobre a conceituação do que é Transtorno do espectro autista. Muitos são os autores que definem e

abordam aspectos do diagnóstico, aqui tomaremos como base a definição do ministério da educação sobre a temática:

Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Incluem-se nesse grupo alunos com autismo, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil (MEC/SEESP, 2008).

Geralmente os indivíduos com Tea apresentam algum tipo de prejuízo na esfera social, linguística ou no campo das emoções, demonstrando entraves na expressão linguística, comportamental ou sentimental (MEC/SEESP, 2009). Quando esses fatores apresentam barreiras no relacionamento entre o aluno e seus pares, devemos incluí-los nos objetivos do planejamento, buscando artifícios que vislumbram a conquistas do que foi proposto. As crianças que atendo apresentam algumas dificuldades localizadas no campo socioafetivo, logo, enquanto professora da Sala de Recursos devo “identificar, elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos, de acessibilidade e estratégias, considerando as necessidades específicas dos alunos de forma a construir um plano de atuação para eliminá-las” (MEC/SEESP, 2009).

Foi então que apostei na amplitude do contato com imagens de obra de artes, atividades voltadas para pintura nos diversos tipos de materiais, produções envolvendo diferentes tipos de textura (lixa,plástico, barbante, reciclados) indo em encontro com o pensamento de Ana Mae Barbosa :

“Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada” (BARBOSA, 2002. P.18).

Ao entrar em contato com obras de artes, ou mesmo atividades básicas de desenhar, pintar, os indivíduos com autismo poderiam despertar para uma nova relação com a realidade da escola. Ampliando sua visão sobre um padrão esperado, construindo o que é possível a cada dia, suavizando a rigidez da rotina.

CAPÍTULO 3. A ARTE ENQUANTO RECURSO NO ATENDIMENTO DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

O ingresso na licenciatura de artes visuais despertou em mim um novo olhar para os fazeres realizados na sala de AEE. No decorrer do curso comecei a levar para meus alunos um maior número de propostas criativas e diversificadas oriundas da disciplina de artes. Tal fato me propiciou respostas e avanços perceptíveis no desenvolvimento das crianças. Por conta disso, me atentei a relacionar os objetivos traçados pelo perfil de cada um ao ensino de artes, considerando que a escola ampliaria seu o acesso a cultura.

A escola, como espaço tempo de ensino e aprendizagem sistemático e intencional, é um dos locais onde os alunos têm a oportunidade de estabelecer vínculos entre os conhecimentos construídos e os sociais e culturais. Por isso, é também o lugar e o momento em que se pode verificar e estudar os modos de produção e difusão da arte na própria comunidade, região, país, ou na sociedade em geral. Deste modo, o aprendizado da arte vai incidir sobre a elaboração de formas de expressão e comunicação artística (pelos alunos e por artistas) e o domínio de noções sobre a arte derivativa da cultura universal (FERRAZ & FUSARI, 2009, p.19).

Devido a gama de habilidades propostas pelo PEI meu atendimento não se limitou a disciplina de artes, ainda assim, ela aparecia com maior facilidade associada a algumas habilidades, como por exemplo a habilidade motora.

Na escola retratada nesta pesquisa, o público inscrito é em maioria crianças com autismo, o que me fez perceber que, quando elas chegavam para o atendimento desorganizadas em crise, ao oferecer desenhos e pintura suas angústias seguiam diminuindo até cessar. A partir daí decidi relacionar fazeres envolvendo desenho e pinturas com os objetivos propostos pela habilidade socioemocional. Pelo PEI as áreas que se relacionam com a habilidade em destaque são: Superar os medos; superar rivalidades; reagir equilibradamente à frustração; superar reações de competição; comportar-se de forma correta, sem necessidade de motivação; demonstrar um estado emocional regular; integrar-se bem no grupo; mostrar-se membro ativo no grupo; respeitar normas e regras; comportar-se de forma ética e social; elaborar histórias sociais; reconhece as regras de convivência.

No autismo, outra demanda que aparece bastante é o de trabalhar as habilidades da vida autônoma, que incluem desde o ato de abotoar a camisa, pentear cabelo, reconhecer sinais de perigo, até as atividades mais corriqueiras, como segurar seu talher. Esse tipo de treino é prático e requer o apoio de objetos cotidianos, associá-lo ao ensino de artes não seria possível nem vantajoso ao aluno. Outras habilidades também conversam e podem ser relacionadas às artes, porém optei por escolher apenas uma a ser retratada na pesquisa.

Para realizar cada atendimento busquei propostas de atividades em livros de artes do ensino fundamental, utilizei também sites como Pinterest, redes sociais de outros professores de artes, artesãos, dentre outros. Em alguns momentos me deparei com propostas bem interessantes, mas tive que adequá-las a meu público-alvo e minha realidade de professora da rede pública, onde enfrentamos a escassez de recursos materiais.

3.1 A utilização de técnicas de pintura no atendimento de alunos com Transtorno do espectro autista.

Durante os atendimentos iniciados no ano de 2023 as crianças puderam acessar algumas práticas apresentadas no componente curricular de artes em sua rotina. Os materiais selecionados levaram em conta o funcionamento do AEE, considerando que as atividades previstas não teriam os mesmos objetivos encontrados em uma sala de aula regular.

Concomitante com as pinturas buscamos abordar problemáticas que precisavam ser melhoradas na socialização e afetividade dos alunos. Trabalhando algumas regras, resistência a frustração, direcionamento de sentimentos e identificação deles, além de outros aspectos que visavam o sentimento de pertencimento e bem-estar durante a estadia na escola.

As imagens abaixo demonstram momentos em que a pintura livre pode ser realizada e serviu de apoio para trabalhar algumas dificuldades de relacionamento entre alunos que frequentam a Sala de Recursos e frequentam a sala de aula regular.

A figura 1 retrata alunos pintando em papelão em conjunto, visando a organização e respeito entre ambos, para que a montagem final do painel acontecesse.

A imagem 2 retrata um aluno realizando desenho livre com tinta e pincel. As cores foram definidas pela criança. O aluno da figura 2 em muitos momentos entra em crise e em momentos de grande conflito era convidado a se expressar pelo desenho.

Figura 1 – Atividade de pintura em papelão.



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 2. Atividade pintura livre



Fonte: Acervo Pessoal.

Anualmente a escola apresenta seu calendário de eventos internos que engloba a participação de todas as turmas e da Sala de Recursos. Pensando nisso,

conectamos a prática da pintura a algumas temáticas, como por exemplo, a data do dia das mães e o dia do folclore, além de projetos propostos pela secretaria de educação.

Na figura 3 e 4 vemos trabalhos relacionados ao calendário comum da unidade escolar. Ao finalizarmos cada projeto, ou em datas comemorativas são realizadas atividades direcionadas para cada temática.

Figura 3. Atividade de pintura temática sobre dia das mães.



Fonte: Acervo Pessoal.

Figura 4. Atividade de pintura sobre o folclore



Fonte: Acervo Pessoal.

Na proposta a seguir buscamos fugir de materiais tradicionais, optando por aproveitar elementos da natureza como folhas, galhos, sementes, dentre outros.

Investigar e descobrir como um determinado material se apresenta e é transformado, ajudando a criança a adquirir conhecimento sobre o material em si – sobre a textura, forma, configuração, cor e aparência externa e interna. A criança aprende gradualmente que o material pode ser usado de muitas maneiras diferentes (GANDINI, 2012, p. 29).

As figuras 6, 7, 8 e 9 retratam parte do processo do que foi vivenciado com a criação de pigmento oriundo da semente de urucum, em seguida um desenho teste, e por fim, a criação final da aluna. O tema foi de livre escolha e a criação inspirada em artistas que utilizam materiais naturais, como por exemplo, Frans Krajcberg e Nils-Udo. Trabalhar com diferentes materiais foi interessante pois pudemos despertar aspectos sensoriais dos alunos, como sentir o cheiro, sentir a textura da tinta final.

Fig.5. Desenho em tela pequena.



Fonte: Acervo Pessoal

Fig.6. Tinta criada com pigmento de urucum



Fonte: Acervo Pessoal

A figura 7 e 8 retrata a produção final de duas alunas. Inicialmente foi realizado um mini desenho e em seguida elas realizaram a pintura final em uma tela grande.

Fig.7. e Fig.8 Pintura utilizando tinta de urucum.



Fonte: Acervo Pessoal .



Fonte: Acervo Pessoal.

A figura 09 mostra o aluno criando com diferentes tipos de pinceis e carimbos. No dia em que a atividade aconteceu, ele chegou muito agitado, sendo contido pela mãe. Chorava e a agredia demonstrando impossibilidade de comunicação com ela. Convidei-o a seguirmos para o atendimento e comuniquei que iríamos ter novidades, que estava ali para ajudá-lo e para isso precisava das habilidades dele. Aos poucos a curiosidade foi chegando e o choro se transformando em diálogo. Apresentei os pinceis, carimbos e deixei que escolhesse as cores para fazermos algo juntos. Sua agitação foi acalmando e pudemos seguir com o planejamento do dia.

Fig.9 Pintura com diferentes tipos de pincéis.



Fonte: Acervo Pessoal.

Em geral, as atividades descritas na pesquisa foram executadas com

autonomia pelas crianças que apresentavam quadro de autismo leve ou moderado. Os que apresentam quadro severo foram convidados a participar e responderam de acordo com suas possibilidades, não sendo forçados a seguir os comandos para executar as vivências.

Trabalhar diretamente com TEA nos mostra que em muitos momentos temos que ser perseverantes, visando sempre melhorar a autonomia e as experiências sociais: “possibilitando o alargamento progressivo das experiências socializadoras, permitindo o desenvolvimento de novos conhecimentos e comportamentos” (BOSA; CAMARGO, 2009, p.67).

Após iniciar o projeto percebi o quanto a subjetividade de meus alunos com TEA apareciam nas atividades de artes. Foi o resultado de algumas atividades que me possibilitaram compreender as emoções de determinada criança, ou ainda, estabelecer um tipo de comunicação. Em muitos momentos pintar, desenhar, rabiscar, não fazia sentido para os que estavam fora do atendimento, já que não era fácil visualizar um progresso padronizado. Para mim, porém, as produções das crianças sempre foram percebidas como um “o que poderia vir a ser,” uma “obra” ainda não acabada, um objetivo que ainda seria alcançado. Por fim, concluo que o acesso às artes é um diferencial no desenvolvimento afetivo de indivíduos com TEA, diagnóstico tão complexo e que cada vez mais se faz presente em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao entrar em contato com as artes e realizar suas próprias criações, o aluno com autismo recebe uma alternativa para demonstrar sua linguagem. Linguagem esta que, em diversas circunstâncias, apresenta-se como difícil de ser “acessada”, ao comparada com a de outros alunos. As atividade estéticas poderiam permitir uma forma de expressão, de melhoria de habilidades que são travadas pela ansiedade e estresse e podiam ser elaborados no AEE. Logo, o que não era expresso através da linguagem oral, tornou-se uma possibilidade de “dizer” através das produções.

Conforme já apresentado, o objetivo da pesquisa foi trabalhar as habilidades socioafetivas através do ensino de artes. Sendo assim, durante os encontros optamos por utilizar técnicas de desenho e pintura, recorte e colagem, dentre outras atividades pertencentes ao currículo de artes. De início, alguns encontros foram separados para que as crianças reconhecessem materiais diferenciados, tocassem, escolhessem cores, observassem imagens de obra de artes, e em segundo momento seguiríamos para a parte prática. Porém, o trabalho com autistas, pode ser atravessado por seus enfrentamentos diários. Houve momentos em que alguns alunos desejavam outro recurso, estavam sonolentos, ou apresentavam agitação motora. Em situações assim, o planejamento não foi executado e o que se fez prioridade foi o bem-estar da criança.

A atividade de pintura e desenho livre ganharam destaque pela relação que os próprios alunos estabeleceram com as propostas. Para enriquecer os encontros oferecemos superfícies com diferentes texturas para desenho (lixa, papelão, plástico, isopor), diferentes tipos de pincéis, pigmentos para pintura, tintas, cola colorida, dentre outros materiais. A técnica foi utilizada em parceria com o objetivo das habilidades socioafetivas no sentido em que integraram os alunos da Sala de Recursos aos projetos estabelecidos pela unidade de ensino ampliando a relação social dos autistas com crianças de turmas diferentes. Ao fim de cada projeto da escola, ou ao fim de atividades bimestrais, algumas produções eram expostas no corredor, para que alunos de turmas regulares conhecessem o trabalho do AEE.

Outra relação estabelecida com a prática da pintura foi o impacto no

comportamento da ansiedade e resistência à frustração dos alunos, gerando tranquilidade e concentração. Nos dias reservados para pintura pudemos trabalhar outras temáticas, como por exemplo, estabelecimento de regras, construção da autoimagem, recuperação da autoestima e reconhecimento da identidade. A visualização de imagens, fotografias e quadros detalhados puderam despertar ainda a possibilidade de interpretar significados, potencializando conhecimentos em Arte.

O trabalho com os alunos no Recursos é marcado por singularidades. Cada indivíduo apresenta uma personalidade e cada PEI é diferenciado. Em algumas crianças pude observar melhora nas habilidades socioafetivas, corroborando os objetivos traçados, porém em outros, a relação que se estabeleceu com as produções artísticas não foi significativa a ponto de constatar avanços oriundos da proposta. Nesses casos foram pensadas outras abordagens adequadas aos interesses demonstrados. Meu objetivo é atender todas as demandas, respeitando a heterogenia de cada aluno, oferecendo-lhe recursos adequados para seu desenvolvimento.

Por fim, podemos concluir que trabalhar com o ensino de artes na Educação Especial, sendo ele voltado para o autismo, como para qualquer outra particularidade, requer principalmente sensibilidade e desejo por parte do professor. Nem toda unidade valoriza as necessidades da educação especial. Nem todo profissional possui formação em artes, acabando por oferecer a disciplina de forma integrada. Em meu caso, a direção da escola sempre demonstrou parceria e apoio a minha metodologia e propostas de trabalho. Lotado ou não na Sala de Recursos, o professor encara dificuldades, que vão desde as institucionais, até as físicas, materiais, ou outras que fogem ao seu domínio. São os alunos, que muitas vezes nos fazem continuar, e nos oferecem a maior recompensa que podemos ter! Acompanhar e constatar sua evolução como indivíduo e cidadão. Ainda tenho muito o que aprender, o que fazer em meus atendimentos, seguir com minhas práticas no dia a dia. Trabalhar com o autismo é saber que cada dia pode ser uma batalha, uma surpresa, uma devolutiva que não se esperava e que no estalo apresenta frutos. Mas não ajo sozinha, conto com minha escola, parceira que abraça a caminhada de meus alunos.

REFERÊNCIAS

BOSA, A.C.; CAMARGO, S.P.H. **Competência Social, inclusão escolar e Autismo**: revisão crítica da literatura. Rev. Psicologia & Sociedade, ed. 21 (1), 2009, pp. 65-74.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Atlas, 1988.

____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**: educação é a base. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 23 mar. 2024.

____. **Decreto n. 6.571**, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre o atendimento educacional especializado, regulamenta o parágrafo único do art. 60 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivo ao Decreto no 6.253, de 13 de novembro de 2007. Brasília, 2008b

____. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. 2. ed. Brasília: MEC; SEESP, 2002.

____. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

____. **Manual de Orientação: Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais**. Brasília, 2010.

____. **Lei nº 13.005, 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências**. Brasília, 2014.

____. **Lei nº 13.146, de 06 de junho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. Brasília, 2015.

FISCHER, E. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino de arte**. São Paulo: Cortês, 1993. (Coleção magistério 2º grau. Série Formação do professor).

GANDINI, L. [et al.]. **O papel do ateliê na Educação Infantil: a inspiração de REGGIO Emilia**. Trad. RONALLDO Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2012.

GITAHY, A.M. *et al.* **Artes visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas do Instituto Rodrigo Mendes**. São Paulo: Peirópolis, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, SP:

Atlas, 2008.

JESUS, Denise. M. **O que nos impulsiona a pensar a pesquisa-ação colaborativa-crítica como possibilidade de instituição de práticas educacionais mais inclusivas?** In BAPTISTA, Cláudio Roberto. [et al.] (orgs.). Educação Especial: diálogo e pluralidades. Porto Alegre: Mediação, p. 139-159. 2008.

MAIOR, Izabel. **História, conceito e tipos de deficiência.** Portal do Governo do Estado de São Paulo. Disponível em <<http://violenciaedeficiencia.sedpcd.sp.gov.br/pdf/textosApoio/Texto1.pdf>>. Acesso em 27 nov. 2023.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. **Verbetes Declaração de Salamanca. Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil.** São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/declaracao-de-salamanca/>>. Acesso em 02 nov. 2023.

SILVA, Ana Beatriz B; **Mundo singular: entenda o autismo/** Ana Beatriz Barbosa Silva, Mayra Bonifacio Gaiato, Leandro Thadeu Reveles. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

_____, Edna Lúcia; MENEZES, Estela Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. rev. atual. Florianópolis, SC: UFSC, 2005

VIGOTSKY, Lev Semyonovich. **Psicologia da Arte.** Tradução Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.